

Brasil Investe em Educação. Mas não muito bem

YT 19-7 P.13A

Segundo a Unesco, o País gasta 17 vezes mais no ensino superior do que no ensino fundamental. Nos países desenvolvidos, a diferença é de apenas 2,5 vezes.

Por Daniela Tófoli

O Brasil gasta 17 vezes mais com os alunos do ensino superior do que com os estudantes do ensino fundamental. Já nos países desenvolvidos, essa diferença não chega a 2,5 vezes. O dado — que está no documento *Professores para as escolas do amanhã*, edição 2001, elaborado pela Unesco — revela a disparidade entre os níveis de Educação brasileira e ajuda a explicar como o País consegue ter universidades públicas de excelência e escolas primárias com baixa qualidade.

“A diferença existe, mas era maior há alguns anos”, diz o ministro da Educação, Paulo Renato Souza. “Já estamos conseguindo reduzir o gasto por aluno no ensino superior, que é alto.”

Segundo a Unesco, que comprou indicadores educacionais dos 30 países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e mais 18 nações em desenvolvimento, o gasto aluno/ano no Bra-

sil é de R\$ 653 de 1.ª a 6.ª séries. Nos países em desenvolvimento é de R\$ 689 e, nos da OCDE, R\$ 3.073 — quase cinco vezes mais.

Já no ensino médio, os gastos aluno/ano são R\$ 900 no Brasil; R\$ 1.006 nas nações em desenvolvimento; e R\$ 4.615 nos países da OCDE. No ensino superior, os valores passam, respectivamente, para R\$ 11.402; R\$ 4.228 e R\$ 7.069.

Para Afrânio Catani, professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), a diferença de gastos faz com que a qualidade nas etapas do ensino também seja distinta. “Mas acho que não devemos reduzir os gastos nas universidades e sim aumentá-los nos ensinos fundamental e médio.”

Medo e corporativismo

O ministro concorda e afirma que é preciso aumentar a oferta de vagas na universidade. “Com os mesmos recursos, é possível atender mais alunos.” Hoje, segundo a Unesco, o País tem 13,3 alunos por professor no ensino superior, enquanto os integrantes da OCDE têm 15,3 e, as nações em desenvolvimento, 18,1.

“Já melhoramos porque nossa média era de 8 estudantes por docente, mas acho que podemos chegar a 20 por 1 mantendo o mesmo ensino”, diz Paulo Renato. “É preciso apenas que as instituições deixem a resistência de lado, não tenham medo de per-

der a qualidade e ocupem as vagas ociosas, por exemplo.”

Catani acha que a expansão das vagas não ocorre por causa do corporativismo. “Há muitos cursos, como Direito e Medicina, que não se esforçam por oferecer mais vagas porque há corporativismo. Geralmente, só os ligados a Humanidades fazem a expansão”, diz. “E os números comprovam: não há dificuldade em se criar mais dez vagas. Esta não é a solução para atender a demanda, mas é um início.”

Repetência

Outro destaque do documento se refere à repetência no ensino fundamental. Apesar da queda de 30,2% para 21,6% de 95 a 99, o Brasil ainda é o país em desenvolvimento que apresenta o pior índice nas seis primeiras séries: 25,1%, segundo dados de 98. “Temos de continuar o combate à retenção com cuidado para não aprovar alunos despreparados”, diz Paulo Renato. “Para saber se o caminho está certo, os Estados devem ver como estão se saindo nas avaliações do ministério.”

Também professora da USP, Lisandre Maria Castelo Branco lembra que o currículo brasileiro é bastante complexo, o que também aumenta a repetência. “Exigimos mais do que na Suécia, mas sem a mesma eficiência. O que precisamos é de uma reestruturação no nosso ensino.”



VERBA: para ministro, o melhor é aumentar a verba do 1.º grau e usar melhor a destinada a universidades

No fim da década, menos professores primários e mais no ensino médio

YT 19-7 P.13A

Em 2010, o Brasil vai precisar de 6% de professores a menos do que em 1998 no ensino fundamental. A projeção da Unesco, presente no documento *Professores para as escolas do amanhã*, edição 2001, leva em conta a redução de crianças entre 7 e 14 anos e, principalmente, a correção da distorção idade/série.

“Nossas estatísticas já mostram que a demanda nesta etapa do ensino está caindo”, afirma o ministro da Educação, Paulo Renato Souza. “Mas não teremos menos professores. Com a mudança, poderemos oferecer mais horas de aulas aos alunos, até chegarmos ao período integral.”

Já em países como Argentina, Peru e Paraguai, será preciso aumentar o

número de professores em até 17%. “Aqui, nosso desafio será o ensino médio. Em algumas regiões, já estão faltando docentes de Matemática e Ciências”, diz o ministro. Para solucionar o problema, ele aposta no ensino à distância. “Já temos experiências, que estão dando certo, de tele-educação. Mas também é preciso estimular e oferecer bons salários para que os professores cheguem aos locais mais afastados.”

Professora da Universidade de São Paulo, Lisandre Maria Castelo Branco lembra que não podemos ter menos professores: “Precisamos ter classes menores, principalmente na alfabetização, que é a etapa mais importante da Educação e, portanto, mais professores”. Ela

acredita que os melhores docentes precisam justamente trabalhar nas primeiras séries. “E serem bem pagos para isto. Professor não pode ser visto como voluntário.”

Segundo a Unesco, uma em cada 25 pessoas empregadas nos países em desenvolvimento trabalham com Educação. Maria Sufaneide Rodrigues, de 39 anos, é uma delas. Professora de Português há 16 anos na rede pública, ela trabalha com classes lotadas e sem tempo para se atualizar. “É impossível preparar uma boa aula se temos de correr de uma escola para outra o dia todo.”

Ela também conta que, com a progressão continuada (na qual os alunos só repetem ao fim de ciclos), teve de aprender a conviver com a frustração de aprovar quem não está preparado, além da que já existia ao se reter um estudante. “Não sei qual é pior, mas não fomos preparados para trabalhar com a progressão porque decidiram mudar de uma hora para outra.”

Desigualdades no ensino Os gastos por aluno ao ano (Em R\$)

